

HYMS OF THE PURITANS – UMA ANÁLISE SOBRE PERSPECTIVAS DE ORGANICIDADE NA ESTRUTURA DOS HINOS DAS IGREJAS PURITANAS

Guidyon Augusto Almeida Lima¹

Resumo: O trabalho tem por objetivo, construir uma análise de aspectos de organicidade dentro de uma perspectiva social puritana, em suas comunidades da Nova Inglaterra no período colonial, através de cinco hinos selecionados do livro: “The Puritan Hymn and Tune Book” – 1859, advindo da compilação produzida pelo Boston: Congregational Board of Publication – concebe-se assim o aporte documental necessário para que seja instituída a depuração e análise dos aspectos de base religiosa, e da presença de características de pensamentos de organicidade social, por meio dos hinos de aclamação, de ordem pública (nas igrejas), e de instâncias pessoais (hinos de comemorações familiares, e de reuniões sociais). A discussão se segue a partir da noção de ideologia elaborada por Antonio Gramsci, bem como sua concepção de “visão de mundo”, além do papel da Igreja na sociedade e a influência que tende a possuir na base de construção de uma comunidade. Juntamente com tais discussões embasadas num referencial teórico gramsciano, traremos para reflexão, a concepção de imaginário presente na linha de François Laplantine, e a análise sobre a estrutura social puritana de Erica S. A. Resende. Inicialmente, buscaremos fazer uma breve discussão das características gerais do puritanismo de meados do século XVI, especialmente suas perspectivas teológicas, eclesiásticas, e sua relação com as esferas políticas e de organização social, além de seu processo de formação de intelectuais. Na sequência, haverá a exposição e análise dos ditos hinos, onde tentaremos instituir um paralelo entre a perspectiva puritana de “pacto com Deus” e “Nação Eleita”, à sua relação com o pensamento social.

449

Palavras Chaves: Puritanismo; Hinos; Gramsci; América Colonial.

So let our lips and live express

The holy gospel we profess;

So let our works and virtues shine,

To prove the doctrine all divine.

Hymn 45 – “The Gospel exemplified in the Conduct”

“Gospel”, “works”, “virtues”, palavras que recorrem ao longo dos hinos de aclamação, tanto de ordem pública, expostos a comunidade nas celebrações, como as canções e

¹ Graduando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMGguidyonaugusto@gmail.com

aclamações produzidas no cerne das reuniões familiares, ou de uso corriqueiro dentro do espaço privado. Nestas palavras, assim como em todo o conjunto dos mais de trezentos hinos compilados no *The Puritan Hymn and Tune Book*¹, temos uma mostra de características de ordem religiosa, pautando ações, reflexões e desejos comunais. Esta visão incutida nos hinos, dos quais selecionamos seis para instituir nossa análise, proporciona uma reflexão acerca do processo de organização social das comunidades puritanas vivendo na Nova Inglaterra, mais especificamente na cidade de Boston em Massachusetts.

Antes de termos um contato mais estrito com os documentos é válido algumas considerações sobre os colonos ingleses no novo mundo, estes que chamamos de “puritanos”. Protestantes de confissão calvinista (que possuíam uma forte crença na real aplicabilidade das Sagradas Escrituras em suas vidas – especialmente nas prescrições do Velho Testamento sobre como o “povo de Deus” deveria viver em sociedade), vindos ao “Novo Mundo”, em meio às levadas de imigrações do século XVII (não tão somente de homens e mulheres motivados por fatores religiosos), perseguidos na Inglaterra do reinado da dinastia dos Stuart, construíram em seu imaginário, uma nova perspectiva de vida e sociedade nas terras que viriam a ser chamadas de Nova Inglaterra.

O êxodo da Inglaterra, para as terras além-mar, tem em si a constituição de um primeiro ponto do imaginário puritano posterior, a busca pela terra prometida, sem perseguições e de liberdade e prosperidade, tal como os israelitas no velho testamento. Sua concepção como “povo eleito”, já se dispõem antes mesmo de sua chegada em terra, no *Arbella*, em 1630, destinados a passar pelas atribulações enquanto permaneciam a mercê e em consonância com seu “pacto com Deus” refeito. Não temos por objetivo aqui, nos fiar em uma análise maior sobre os primórdios da colonização, ou na construção do *Mayflower Compact de 1620*, ainda que possam nos ser de valia agora, e nas análises posteriores, dos dizeres de John Winthrop baseado na *sola scriptura*, sobre o sentido da “missão” dos puritanos nas novas terras:

Devemos ter em mente que seremos como uma cidade sobre uma colina. Os olhos de todos estão voltados para nós. De maneira que, se lidarmos com falsidade com nosso Deus, nessa tarefa que empreendemos (...) abriremos a boca dos inimigos para falar mal dos caminhos de Deus (...). Cobriremos de vergonha os caminhos de muitos dos valorosos servidores de Deus, fazendo com que suas orações se transformem em maldições contra nós, até sermos expulsos da boa terra para a qual nos dirigimos. (Trecho do sermão de John Winthrop a bordo do *Arbella* – 1630)

Pautemos um dos dizeres de Gramsci onde “O elemento mais importante, indubitavelmente, é de caráter não racional: é um elemento de Fé.” (GRAMSCI, 1999, p. 109),

esta fé, tende por confluir em seu processo de concepção e interiorização uma série de símbolos², como os discursos, os anseios, os textos, e como objeto principal de nossa análise, uma gama de hinos aclamativos.

O Hino de número 334 “*God the Pilgrim's Guide and Strength*” nos apresenta uma visão de anseios e preces dos puritanos, peregrinos em meio às dificuldades do trajeto rumo à “Canaã”, sua terra prometida. Podemos ver na primeira e terceira estrofes:

1. Guide me, O Thou great Jehovah, Pilgrim through this barren land: I am weak - but thou art mighty Hold me with thy powerful hand: (...)” // “3. When I tread the verge of Jordan, Bid my anxious fears subside: Bear me through the swelling current, Land me safe in Canaa's side; Songs of praises, I will ever give to thee.³ (Boston: Congregational Board of Publication. 1859, pag. 78)

Reafirma-se uma perspectiva do “peregrino”, em busca da terra prometida de Canaã, um membro do “povo eleito”, escolhido e pautado no pacto para Deus, seus medos e ansiedades diminuem ao chegarem ao Jordão e cruzarem o Jordão sobre a proteção divina. Aos puritanos o cruzar o Jordão, segue-se como sua jornada épica ao cruzar o atlântico, rumo a sua “terra que emana leite e mel”. O Hino nos aponta esta perspectiva da jornada puritana, e de sua base ideológica no Velho Testamento, que como diz Karnal:

Tal como os hebreus no Egito, também eles foram perseguidos na Inglaterra. Tal como os hebreus, eles atravessaram o longo e tenebroso oceano, muito semelhante à travessia do deserto do Sinai. Tal como os hebreus, os puritanos receberam as indicações divinas de uma nova terra e (...), são frequentes as referências ao “pacto” entre deus e os colonos puritanos. (KARNAL, 2007, p. 41)

Da concepção do peregrino, a perspectiva do louvor como uma comunidade de cristãos, temos por vista como o imaginário comunal, enraizado na perspectiva religiosa, aponta os desígnios puritanos. O Hino 21 “*Dignity, and Happiness of the Christian*”, em sua primeira estrofe: “Honor and happines unite, To make the Christians name a praise: How fair the scene, how clear the light, That fills the remnant of his days!”⁴ (Boston: Congregational Board of Publication. 1859, pag. 8), apresenta uma mostra de como a união dos cristãos no louvor de uma vida honrosa e digna, propiciaria o valor e felicidade de seus dias remanescentes.

O uso de frases e expressões no plural é uma característica encontrada nos hinos, um exemplo de ordem prática, evocando uma perspectiva de organicidade intrínseca as comunidades puritanas. Esta lógica comunal tem por base apontamentos bíblicos, onde o corpo social, único aos olhos de Deus, em suas preces, emanações, pecados e ofensas, estariam submissos à seu julgo. Resende nos aponta que:

[...] a concepção puritana de vida percebia a coletividade como uma unidade orgânica, (...). Dessa forma, os puritanos que se estabeleceram na Nova Inglaterra se viam ligados uns aos outros por laços invioláveis. Eles não se percebiam como um mero agrupamento de indivíduos, mas sim como uma congregação de eleitos. (RESENDE, 2009, p.188)

Seguimos com esta percepção de corpo social, também nos hinos 45 “*The Gospel exemplified in the Conduct*” e 128 “*Instructions from Scripture*”. O hino 45 foi aplicado como epígrafe deste texto, por carregar esta concepção de diálogo com o corpo social, e o simbolismo religioso de moral pessoal, em consonância com a vida comunal. Cabe uma análise mais aprofundada, de suas três primeiras estrofes:

1. So let our lips and lives express; The holy gospel we profess; So let our works and virtues shine, To prove the doctrine all divine. // 2. Thus shall we best proclaim abroad; The honors of our Savior God; When his salvation reigns within, And grace subdues the power of Sin. // 3. Our flesh and sense must be denied, Passion and envy, lust and pride; While justice, temperance, truth, and love, Our inward piety approve.⁵ (Boston: Congregational Board of Publication. 1859, pag. 13)

A expressão evangélica nos hinos, nos atenta ao caráter da condução de vida, por meio de atitudes que prezem as virtudes, negando os pecados originais, como a luxúria, o orgulho, em benefício da temperança e da verdade, agentes da piedade e sinais da graça divina nos escolhidos para a salvação. Nota-se, uma gama considerável de enumerações (neste hino em especial, assim como nos outros) sobre o papel de evangelização, e exemplo que o corpo de cristãos, os puritanos, como exemplos da nova igreja reformada, verdadeira, como membros da “Cidade no Topo da Colina”, escolhidos e eleitos, como Whintrop apontou no *Arbella*.

Neste processo de análise estrutural dos hinos, encontramos o reforço simbólico e exemplificativo, das medidas de conduta moral a serem seguidos pela população. A repetição oral, partilhada em grupo, tende reafirmar os laços tradicionais, incutidos desde antes da vinda dos primeiros peregrinos puritanos. Esta oralidade, conservada através das gerações, age como mais um elemento na construção de uma ideologia⁶.

Adentrando novamente no tema da forte ligação do imaginário puritano, com suas bases no texto bíblico (o conceito da *sola scriptura*, é intrínseco neste viés protestante), o hino 128, mostra como a busca por orientações das ações correntes, era projetada nos ensinamentos divinos, como temos na primeira, quarta e quinta estrofes:

1. How shall the young secure their hearts, And guard their lives from sin? Thy word the choicest rule imparts, To keep the conscience clean. // 4. Thy precepts make me truly wise; I hate the sinner's road: I hate my own vain thoughts that rise, But love thy law, my God. // 5. Thy words is everlasting truth; How pure is ev'ry page! That holy book shall guide our youth, And well support our age.⁷ (Boston: Congregational Board of Publication. 1859, pag. 31)

O ponto da educação, seja para a vida cotidiana – social, ou mesmo para uma perspectiva de alfabetização e condução à uma condição de letrados, tem por base o incentivo da perspectiva religiosa. Os preceitos para a boa educação e condução de vida dos jovens, se encontrariam nas escrituras, um suporte para a idade, para a vida futura, vistas como toda a verdade, aplicáveis, sendo as palavras de Deus, como bem nos mostra os dizeres do hino “Teus preceitos fazem-me verdadeiramente sábio”.

A bem dizer, à questão do pecado permeia o imaginário puritano, como vemos nos dizeres: “E guardar suas vidas do pecado” do *Hymn 128*. Pautando-se nas virtudes e na condução de vida e moral da comunidade, reafirmando suas condições como eleitos, sob o julgo da palavra divina, afinal, tal quais os israelitas no passado, “Verdadeiramente bom é Deus para com Israel, para com os limpos de coração.” (Salmo 73:1). O mesmo com aqueles que, por ofensa ou pecado, quebrasse o pacto do povo para com Deus, aos quais possuíam como base: “Mas os israelitas foram infieis com relação às coisas consagradas. Acã, filho de Carmi, filho de Zinri, filho de Zerá, da tribo de Judá, apossou-se de algumas delas. E a ira do Senhor acendeu-se contra Israel.” (Josué, capítulo 7, versículo 1).

Da perspectiva de uso do texto bíblico, temos no *Hymn 45* a indicação explícita de como a religião, pauta o interior do pensamento social, onde a scriptura era vista como modelo a ser considerado e seguido. Em sua quarta estrofe: “4. Religion bears our sprits up, While we expect that blessed hope, The bright appearance of the Lord, And faith stands leaning on this word.”⁸ (Boston: Congregational Board of Publication. 1859, pag. 13), temos estes pontos bem explicitados.

Da religiosidade, mas também sobre a própria questão da figura da Igreja, temos o apontamento do hino 35 “*The Church*”, que em sua segunda estrofe diz: “2. His mercy visits every house, That pay their night and morning vows; But makes a more delightful stay, Where churches meet to praise and pray.”⁹ (Boston: Congregational Board of Publication. 1859, pag. 11). Gramsci lança uma luz a esse processo de presença de princípios religiosos, como agente de ligação entre os indivíduos, quando diz:

A religião, e uma Igreja determinada [no caso a Igreja Puritana], mantém a sua comunidade de fiéis [...] na medida em que mantém permanente e organizadamente a própria fé, repetindo infatigavelmente a sua apologética, lutando sempre e em cada momento com argumentos similares, e mantendo uma hierarquia de intelectuais que emprestam à fé pelo menos a aparência de dignidade do pensamento. (GRAMSCI, 1999, p. 110)

A cena de diálogo público, de ação moral e de comunhão da sociedade, tem na tradição puritana o espaço da igreja, e das reuniões das congregações, como âmbito de discussão e formação intelectual. O caso da loucura social de Salém, em finais do XVII, pode ser tido como um exemplo do seguimento de pensamento público para com a questão religiosa e seus símbolos, o aporte no texto bíblico, e como os intelectuais (juizes, magistrados, pastores), tomam medidas, mesmo que em comunhão com uma (que contemporaneamente seria) histeria coletiva. Esse processo de constante atribuição e uso consultivo das escrituras contribuiu em muito para o surgimento de intelectuais na colônia, principalmente de suas primeiras universidades, como Harvard (1636) – Massachusetts e William and Mary (1693) – Virgínia. Karnal aponta que:

Em todos os documentos sobre educação há a mesma preocupação: o conhecimento das coisas relativas à religião. Do ensino primário ao superior, o conhecimento da *Bíblia* parece ter orientado todo o projeto educacional das colônias inglesas. Quando Samuel Davies escreve sobre as *Razões para fundar universidades*, insiste na necessidade de formar líderes religiosos para uma população que crescia sem parar. (KARNAL, 2007, p. 43)

Concluimos esta reflexão, apontando o real valor e aplicabilidade de pensamentos de um corpo social, na estrutura puritana. Os *Hymns*, assim como outra série de livros e textos de época, tanto registros dos séculos XVII – XVIII, quando à posteriori, reflexões e artigos do XIX tendem a propiciar análises desta ordem, e de outras mais voltadas para a metodologia, história dos conceitos e um aprofundamento na história social.

¹ Notas: Livro produzido pelo Boston: Congregational Board of Publication. Boston., em 1859, sendo uma coletânea de hinos e musicas puritanas de ordem pública e privada.

² Consideramos aqui, a partir das perspectivas de François Laplantine, o símbolo, como um componente polissemântico e polivalente, que pode se amparar em um referencial real, mas podendo assim como os signos, ser baseados em imagens concretas ou abstratas, as quais lhe propiciam sentido.

³ 1. Guia-me, Ó tu grande Jeová, Peregrino através desta terra estéril: Eu sou fraco - mas tu és poderoso Abraça-me com tua mão poderosa: (...) // 3. Quando piso à beira de Jordão, A oferta de minhas ansiedades medos diminui: Aguento o inchaço atual, Aterrar-me seguro no lado de Canaã; Canções de louvores; Eu sempre darei a ti.

⁴ 1. A honra e a felicidade se unem, Para fazer dos cristãos o nome de um louvor: Justa como a cena, clara como a luz, Isso enche o remanescente de seus dias!

⁵ 1. Deixe os nossos lábios e vidas expressar; O Santo Evangelho que professamos; Então deixe nossos trabalhos e virtudes brilhar, Para provar a doutrina todo divino. // 2. Assim, será melhor proclamarmos no

exterior; A honra do nosso Deus Salvador; Quando sua salvação o Reino adentrar, E a graça subjugar o poder do pecado. // 3. Nossa carne e sentido devem ser negados, Paixão e inveja, luxúria e orgulho; Enquanto justiça, Temperança, verdade e amor, Nossa piedade interna aprovar.

⁶ Utilizemos aqui a perspectiva de Gramsci sobre o que é ideologia: “... “ideologia”, pode-se dizer desde que se dê ao termo “ideologia” o significado mais alto de uma concepção do mundo, que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações de vida individuais e coletivas” (GRAMSCI, 1999, p. 98-99)

⁷ 1. Como os jovens assegurarão a seus corações, E guardar suas vidas de pecado? Dá a tua palavra, a regra mais escolhida, Para manter a consciência limpa. // 4. Teus preceitos fazem-me verdadeiramente sábio; Eu odeio a estrada do pecador: Eu odeio meus próprios pensamentos vãos de subida, Mas amo a tua lei, meu Deus. // 5. Tuas palavras são a verdade eterna; Como pura é a página toda! Esse livro sagrado deve guiar nossa juventude, E suportar bem nossa idade.

⁸ 4. A religião carrega nossos espíritos, Enquanto esperamos a abençoada esperança, A aparência brilhante do senhor, E fé significa inclinar-se sobre esta palavra.

⁹ 2. Sua misericórdia visita todas as casas, Que pagar seus votos de noite e de manhã; Mas faz deliciosamente ficar mais, Onde igrejas se reúnem para louvar e orar.

Base Documental:

The Puritan Hymn and Tune Book - Boston: Congregational Board of Publication. 1859

Bibliografia:

ALMEIDA, João Ferreira de. (trad.) A Bíblia Sagrada. São Paulo, Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BERCOVITCH, Sacvan. “A retórica como autoridade: puritanismo, a Bíblia e o mito da América”. In: *Brasil e EUA: Religião e Identidade Nacional*. Graal, Rio de Janeiro, 1988, p. 141 – 158.

GABRECHT, Ana. “O olhar de Gramsci sobre a cultura”. In: *A atualidade do pensamento de Gramsci para a História Política*. (org.) RODRIGUES, Márcia Barros Ferreira. Rumos da História, Vitória, PPGHIS – UFES. 2005, p. 7-18.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1999.

GRAMSCI, Antonio. *Concepção Dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1981

KARNAL, Leandro. O início. In: *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. 2ª Ed. São Paulo, Contexto, 2010

RESENDE, Erica Simone Almeida. “A Genealogia do Discurso de Americanidade”.
In: *Americanidade, Puritanismo e Política Externa: a (re)produção da ideologia puritana e a construção da identidade nacional nas práticas discursivas da política externa norte-americana*. São Paulo. Universidade de São Paulo, USP, 2009, p. 176 - 220.